

COMENTÁRIO MENSAL: OUTUBRO/2022

O MANDATO DOS CÉUS

Em outubro, Beijing reuniu a cúpula do Partido Comunista da China para o 20º Congresso Nacional, que consagrou a liderança do país pelos próximos cinco anos. Após a abolição do limite máximo de dois mandatos para a presidência chinesa em 2018, Xi Jinping foi reconduzido ao cargo pela terceira vez. Além disso, **consolidou o poder de uma maneira não feita em décadas, preenchendo o Politburo apenas com seus aliados, e alienando correntes mais reformistas.**

O discurso de Xi na posse foi mais duro, reflexo das circunstâncias geopolíticas distintas. **Promessas de reformas e abertura econômica deram lugar a uma ênfase maior em segurança e a questão de Taiwan.** Expectativas de uma mudança na política de “Covid Zero” foram amplamente frustradas.



Fig.1: Yuans Chineses por Dólar Americano (Fontes: Bloomberg, EOS).

Com a economia chinesa já enfrentando dificuldades e a memória ainda fresca das intervenções no mercado determinadas pela liderança chinesa, os mercados reagiram. **O Yuan atingiu seu nível mais fraco contra o dólar desde 2008, sendo também acompanhado pelos demais ativos financeiros chineses.**

A China de Hu Jintao, uma locomotiva reformista que ajudou o mundo a superar a crise de 2008, fica definitivamente para trás. O próprio ex-presidente,

antecessor direto de Xi Jinping, foi simbolicamente escoltado para fora do último Congresso, em uma atípica demonstração pública de poder para o tipicamente inescrutável regime chinês.

HERANÇA BENDITA?

Na eleição mais apertada da Nova República, Lula retornará à presidência a partir de 2023 para exercer seu terceiro mandato, por uma diferença de pouco mais de dois milhões de votos. Encontrará um Brasil e um mundo muito diferentes dos que deixou quando subiu a rampa do Planalto pela última vez.



De um lado, terá um desafio imenso para pacificar e governar o país. O Congresso lhe é muito menos favorável – apesar das ferramentas do fisiologismo ainda estarem amplamente disponíveis – e o povo lhe concedeu um mandato de menor latitude. Enfraquecido, terá que governar com uma frente verdadeiramente ampla para fazer frente aos imensos desafios fiscais e sociais a serem enfrentados no ano que vem, após uma eleição repleta de promessas difíceis. O Ibre da FGV estima que o risco fiscal, entre subsídios e despesas prometidas, é de cerca de R\$435 bilhões – mais de 4% do PIB.

De outro, encontrará alguns aspectos de conjuntura mais favoráveis. Receberá uma máquina mais enxuta e eficiente, com reformas importantes já implementadas. O ciclo de commodities está em um ponto favorável, principalmente em um mundo que precisa investir mais para robustecer as cadeias de suprimento. O país também conta com um pipeline de investimentos formidável, fruto das diversas concessões contratadas pelo governo anterior. A inflação está arrefecendo, o que poderá abrir espaço para um longo ciclo de afrouxamento monetário. **Receberá, ao menos em alguns aspectos da economia, uma “herança bendita” – mais uma vez.**

Em meio a muito ruído, com atitudes certas e um bom trânsito com o Congresso, as condições estão postas para um momento favorável para o Brasil. Compete a Brasília não estragar.

PERSPECTIVAS

Os riscos seguem altos, mas finalmente estamos vendo sinais mais claros de uma estabilização na inflação global. **Seguimos cautelosos, mas atentos às oportunidades nos mercados internacionais.** Alguns ativos parecem estar negociando a preços muito interessantes.

No Brasil, o ciclo de aperto monetário parece ter terminado, o que pode sugerir uma boa oportunidade para comprar pré-fixados. Para horizontes mais longos, gostamos das ações brasileiras: os preços permanecem convidativos e as expectativas para o ciclo monetário parecem mais benignas.

